

Temas Livres:

Eça de Queiroz e os espelhos do presente: reflexões entre o Naturalismo e as interrogações do nosso tempo

Eça de Queiroz and the mirrors of the present: Reflections between Naturalism and the questions of our time

DOI: 10.59666/fiosdeletras.v2i05.4613

Ayanne Larissa Almeida de Souza ¹



Universidade Estadual da Paraíba



annyfilosofia@gmail.com



Revista Fios de Letras
ISSN: 2966-0130
v. 2, n. 05, e052501, jul-dez, 2025

Informações sobre os autores:

¹ Doutora e mestra em Literatura pela Universidade Estadual da Paraíba. Especialista em Literatura Portuguesa. Licenciada em História e Filosofia. Integra os grupos de pesquisa em Literatura Portuguesa Literatura Portuguesa (UESPI) e Cenáculo: Fluxos e Afluxos da geração de 70 (UEL-PR).

Fluxo editorial:

Recebido: 29/07/2025

Aceito: 02/10/2025

Publicado: 03/10/2025



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Plagius

Verificador de Plágio

Resumo: A obra de Eça de Queiroz, imersa no contexto do naturalismo e do realismo do século XIX, continua a oferecer um espelho incisivo para compreender os dilemas da hipercontemporaneidade. As suas críticas à sociedade burguesa, à corrupção moral, ao consumismo desenfreado e à alienação humana revelam uma surpreendente atualidade, especialmente quando confrontadas com os desafios da era digital, marcada pelo excesso de informação, individualismo exacerbado e crises éticas globais. Este artigo propõe uma releitura das narrativas queiroseanas sob a ótica dos problemas contemporâneos, como a hiperconexão tecnológica e a mercantilização das relações humanas. A questão central a ser debatida é: de que maneira os modos de ver de Eça de Queiroz podem iluminar as contradições e urgências da hipercontemporaneidade? Argumentamos que a prosa crítica e visionária dele antecipa debates sobre a erosão dos valores humanísticos e a alienação provocada pela modernização acelerada. Ao analisar obras como *Os Maias*, exploramos como as reflexões do autor sobre decadência social, identidade e utopia dialogam com questões atuais. Ao longo deste artigo foi possível observar que Eça não é apenas um cronista do passado, mas também um intérprete perspicaz do presente e futuro, e oferece ferramentas literárias para pensar criticamente a condição humana no século XXI.

Palavras-chave: Hipermodernidade. Eça de Queiroz. Alienação. Consumismo.

Abstract: The work of Eça de Queiroz, rooted in the context of nineteenth-century Naturalism and Realism, continues to offer a sharp mirror through which to understand the dilemmas of hypercontemporaneity. His critiques of bourgeois society, moral corruption, unrestrained consumerism, and human alienation reveal a surprising relevance, especially when considered alongside the challenges of the digital age, marked by information overload, intensified individualism, and global ethical crises. This article proposes a rereading of Queiroz's narratives through the lens of contemporary issues such as technological hyperconnectivity and the commodification of human relationships. The central question to be explored is: in what ways can Eça de Queiroz's ways of seeing illuminate the contradictions and urgencies of hypercontemporary reality? We argue that his critical and visionary prose anticipates debates on the erosion of humanistic values and the alienation provoked by accelerated modernization. Through an analysis of novels such as *Os Maias*, this article examines how his reflections on social decay, identity, and utopia resonate with present-day concerns. Ultimately, this study aims to demonstrate that Eça is not merely a chronicler of the past, but a perceptive interpreter of both the present and the future, offering literary tools for critically engaging with the human condition in the twenty-first century.

Keywords: Hypermodernity. Eça de Queiroz. Alienation. Consumerism.

Introdução

Quando nos voltamos para as páginas das obras de Eça de Queiroz, não encontramos apenas retratos vívidos do século XIX, mas espelhos inquietantes que nos devolvem imagens do nosso próprio tempo: de uma sociedade em permanente tensão entre progresso e ruína, entre a euforia do avanço tecnológico e a angústia de valores em colapso. É justamente neste contraste que a perspectiva crítica do autor português convida-nos a reencontrar, nas narrativas seculares, diagnósticos surpreendentemente atuais.

Propomos uma reflexão aprofundada sobre o modo como a obra e o pensamento de Eça de Queiroz — marcado pela emergência do Realismo e do Naturalismo —, revelam-se surpreendentemente revigorados ao entrar em diálogo com as problemáticas da hipercontemporaneidade. Partimos do pressuposto de que a ficção queirosiana, embora conjugue traços característicos do determinismo social e das descrições quase científicas dos ambientes burgueses, transcende o seu tempo histórico e oferece um espelho crítico para perscrutar os dilemas éticos e sociais que defrontam o início do século XXI.

Assim, o presente trabalho assume a relevância de revisitar as narrativas queirosianas — designadamente *Os Maias* — sob uma perspetiva que não se limita à historicidade da sua génese literária, mas antes procura perscrutar as suas ressonâncias nas crises morais, nos processos de mercantilização das relações humanas e na alienação social induzida pela aceleração tecnológica que caracterizam a atualidade hipercontemporânea.

A justificativa principal para o desenvolvimento deste tema assenta na constatação de que a senda crítica queirosiana, embora pontuada por elementos próprios do Realismo

e do Naturalismo oitocentistas, prefigura debates que se tornaram centrais nas reflexões filosóficas, sociológicas e literárias dos nossos dias e na necessidade emergente de, através de um contraponto literário, iluminar as contradições e urgências de um presente que, alicerçado numa economia digital voraz e num individualismo exacerbado, vê ruir valores humanísticos fundamentais.

O trabalho tem como objetivo aprofundar a análise das tensões entre progresso e condição humana, fornecendo subsídios teóricos para articular os anacronismos aparentemente contraditórios entre o otimismo oitocentista e a atual crise de confiança nas narrativas de desenvolvimento. A prosa crítica e visionária de Eça de Queiroz não apenas denuncia os resquícios da Idade Vitoriana portuguesa e europeia, mas também antecipa debates cruciais sobre a erosão dos valores humanísticos e desconstrução da identidade diante do bombardeamento informacional característico da era digital.

A partir da justificação teórica e da fonte selecionada, deixa-se antecipada a hipótese de que Eça de Queiroz, longe de se limitar a um lugar simbólico no cânone literário português do século XIX, oferece, ainda hoje, os “espelhos” através dos quais podemos reconhecer e criticar as contradições, as fissuras e as possibilidades de resistência de um mundo em acréscimo tecnológico e em desafios éticos globais.

1 Eça de Queiroz e a crítica à modernidade burguesa

Ao debruçarmo-nos sobre a figura de Eça de Queiroz, percebemos que a sua crítica à modernidade burguesa não se limita a uma simples descrição dos vícios e das hipocrisias de uma sociedade em transformação, antes constitui um instrumento de demolição da retórica do progresso que, então como agora, escondia-se atrás de uma aparência de civilidade e de racionalidade. Para ilustrar exemplarmente o diagnóstico queirosiano da desmoralização da elite e o esvaziamento dos seus valores, vejamos a citação seguinte nas Notas Contemporâneas:

O amor do luxo, do gozo, da ostentação, e do dinheiro que os compra, tornado o supremo motor da existência [...] a honestidade apagando-se nos sentimentos como nas transacções – o negociante falsificando tudo o que vende, as famílias desfazendo-se no tribunal do divórcio, os filhos das velhas casas históricas roubando nos campos de corridas... (Queiroz, 1979, p. 76)

Na nossa perspectiva, tal como os personagens quixotescos que não se dão conta da paródia que representam, o sujeito hipermoderno permanece alheio à própria alienação, à mercantilização exacerbada das relações humanas e às contradições insustentáveis que geram clivagens sociais cada vez mais profundas.

Corroborando esta visão, apontamos que o Realismo queirosiano não se limita a reproduzir a vida quotidiana, mas utiliza a objetividade dos pormenores para expor, sem

complacência, o abismo entre a promulgação de valores burgueses — como a virtude, a civilidade e o investimento no progresso — e a prática efetiva, que frequentemente revela-se medíocre, mesquinha e calcada na acumulação de riquezas. Este contraste entre a forma e o conteúdo das classes dominantes, realçado por Eça, constitui a base de uma crítica que persiste como alerta. Se o século XIX já assistia a uma redefinição cínica dos ideais de modernidade, não será de estranhar que o século XXI conheça a sua própria face degradada, mergulhada num capitalismo globalizado em que o valor de uso cedeu por completo ao valor de troca.

Sobre a falsa religiosidade e a alienação moral, por exemplo, a epígrafe d’*A Relíquia* (Queiroz, 2009, p. 14) é-nos bastante interessante: “Sobre a nudez forte da verdade – o manto diáfano da fantasia.” Eça reforça o tom irónico ao mostrar como as convenções sociais ocultam a verdade nua da exploração e da alienação. No seguimento desta reflexão, notamos uma perspetiva abrangente sobre o legado crítico de Eça, demonstrando como a noção de “decadência social” atravessa o cerne de romances como *Os Maias* e *O Crime do Padre Amaro*. Nas páginas do autor português, encontramos a ideia de que *Os Maias* representam não apenas uma família em implosão, mas um símbolo maior da falência de um projeto civilizacional marcado pela ilusão de progresso linear — uma falência que se alimenta da crueldade institucional (religiosa, política e económica) e da complacência íntima de cada sujeito.

A degenerescência da linhagem d’*Os Maias* espelha a degenerescência de toda uma sociedade que, embora se apresente como avançada e cosmopolita, ensaia apenas representações superficiais de transformações que não corroboram uma mudança estrutural efetiva. A estetização da vida, conforme descrita por Lipovetsky (1987), manifesta-se, tanto nos modos de vida da burguesia oitocentista quanto na cultura atual, marcada pelo culto à imagem e pela busca incessante por distinção simbólica. Essa leveza superficial, que encobre o esvaziamento ético, é um traço que Eça antecipa com clareza nos seus retratos da elite lisboeta, cujas preocupações sociais se reduzem a aparências e convenções. Esta degeneração, na ótica de Eça, espelha-se numa burguesia que finge erguer-se sobre pilares de mérito e civilidade, mas que, na realidade, encontra-se corroída pelo individualismo, pela vaidade e pela procura incessante de aparências.

Conforme sustenta Pierre Bourdieu (1979), a cultura de distinção, longe de ser neutra, constitui uma forma de violência simbólica que legitima desigualdades por meio de um gosto codificado. Em Eça, o dandismo burguês manifesta essa lógica ao operar como fachada estética de uma realidade social marcada pela mesquinhez e pela alienação. Sobre o consumo e a vaidade como motores sociais, n’*A Relíquia*, o narrador de Eça diz:

A afirmação de Topsius desacredita-me perante a burguesia liberal – e só da burguesia liberal, onipresente e onipotente, se alcançam [...] as coisas boas da

vida, desde os empregos nos bancos até às comendas da Conceição [...] detesta o bacharel [...] com as mãos carregadas de ossos de antepassados – como um sarcasmo mudo aos antepassados e aos ossos que a ela lhe faltam. (Queiroz, 2009, p. 21)

A passagem reforça a percepção de que o valor social não decorre do mérito ou da substância, mas da capacidade de simular símbolos aceites pela elite dominante. A leitura de Eça permite, assim, entender que a sua crítica permanece vigente. Se no século XIX a disputa de poder e prestígio passava por salões literários, cafés e óperas, no presente observa-se idêntico fenómeno nas redes sociais, plataformas de cultura de celebridades e mercados financeiros — espaços em que a decadência moral perpetua-se sob a veste de modernização tecnológica. Fredric Jameson (1991) argumenta que a lógica cultural do capitalismo tardio dissolve os grandes relatos e substitui a história por um presente contínuo, saturado de imagens. Esse diagnóstico ajuda a compreender como Eça de Queiroz, ao expor a estetização vazia da burguesia, antecipa a lógica cultural do pós-modernismo e os seus efeitos alienantes.

Se, no contexto oitocentista, o consumismo já se apresentava como sintoma evidente da alienação burguesa — retratado por Eça ao expor a vida ostensiva, porém vazia, de personagens como Dâmaso ou Carlos da Maia n’*Os Maias* — conectamos essa crítica às manifestações atuais de consumismo que se intensificaram numa hipercultura digital.

Como observa Zygmunt Bauman (2000), na modernidade líquida os vínculos identitários tornaram-se tão voláteis quanto os produtos de consumo, e o sujeito é compelido a reinventar-se incessantemente para se manter em circulação simbólica. Essa fluidez da identidade, aliada à ansiedade por reconhecimento, revela-se como uma forma de alienação profunda que aproxima, de modo inquietante, os personagens de Eça dos habitantes da hipermodernidade. A sua análise casa-se profundamente com a crítica que o seu texto propõe ao sujeito hipermoderno: tal como Bauman (2000) descreve, esse sujeito “líquido” vê-se imerso num universo de escolhas superficiais, vivendo sob a ilusão de liberdade enquanto se adapta ininterruptamente às exigências do mercado, da imagem e da performance social. Quando se refere ao burguês oitocentista como precursor do sujeito contemporâneo que vive para “simulações identitárias” e para um “consumo voraz”, essa é uma leitura direta do diagnóstico baumaniano.

De facto, a burguesia queirosiana, retratada como uma massa de indivíduos em busca de distinção através de hábitos de consumo, antecipa a lógica pós-moderna em que o eu se vê dispensado de continuidade; cada indivíduo é convocado a reinventar-se continuamente, ora como cliente fiel de marcas, ora como produtor de conteúdos efêmeros, mas sempre num regime de exaustão psíquica e de superficialidade relacional. É nesta convergência — entre a mercantilização das relações humanas e o consumo exacerbado de mercadorias simbólicas — que residem os pontos de contacto entre a modernidade burguesa e a hipermodernidade.

A esse respeito, Byung-Chul Han (2010) aponta que a sociedade do desempenho exige do indivíduo uma autovigilância constante, levando-o à exaustão por excesso de positividade e produtividade. A lógica de autoexploração que Han descreve permite reler o cansaço existencial de Jacinto (protagonista de *A cidade e as serras*) — abatido pelas maravilhas tecnológicas — como antecipação de um mal-estar hoje generalizado. Eça diz-nos que “Aqui jaz o ruído do vento que passou derramando perfume, calor e sementes em vão [...]” (Queiroz, 2014, p. 42). Pode-se perceber em Jacinto que o cansaço existencial já era visto como um sintoma da performance sem essência, pois reforça o sentimento de futilidade e desperdício das potências humanas.

Outro vetor inescapável da crítica de Eça de Queiroz é a condenação impiedosa do fetiche do progresso industrial e tecnológico, que, no seu entender, não traz o desenvolvimento humano nas dimensões mais amplas da existência. O autor desmascara os paradoxos do progresso moderno, especialmente no contexto da burguesia decadente retratada nas suas obras. Encara a industrialização não como mero avanço mecânico, mas como um processo que arrasa tradições, corrompe o ambiente e aliena o indivíduo, traçando prefigurações de problemas que hoje se manifestam com maior gravidade, tais como a crise ambiental e a saturação tecnológica.

N’*A Cidade e as Serras*, vemos o protagonista Jacinto entusiasmado com as engenharias e invenções parisienses, apenas para descobrir, já extenuado, que “a máquina” não substitui o alívio de um horizonte rural; nesse momento, Eça antecipa debates atuais sobre sustentabilidade e qualidade de vida, denunciando a ilusão de que o progresso material traduz-se automaticamente em bem-estar psicológico e social. Enfatiza-se que, na era hipermoderna, essas mesmas tensões manifestam-se numa aceleração incessante da inovação — seja através da inteligência artificial, seja pelas novas formas de exploração de recursos naturais —, gerando um paradoxo cuja lógica é a de uma humanidade atrelada às suas próprias conquistas, sem tempo para refletir sobre as repercussões ecológicas e éticas. Neste quadro, Eça de Queiroz emerge não apenas como o crítico de uma burguesia delapidada, mas como um profeta involuntário das contradições que hoje nos afligem.

O tema da alienação moral e o vazio existencial das classes médias é um dos pilares da obra de Eça de Queiroz. O trecho a seguir, de *A Cidade e as Serras*, exemplifica como Jacinto, ao retornar à vida rural, reflete sobre a futilidade da modernidade urbana e a busca por valores mais profundos:

Depois, quando eu, velho familiar das serras, me não abandonava aos mesmos êxtases que a ele lhe enchiam a alma ainda noviça — o meu Príncipe rugia, com a indignação de um poeta que descobre um merceeiro bocejando sobre Shakespeare ou Musset. Eu ria. — Meu filho, olha que eu não passo de um pequeno proprietário. Para mim não se trata de saber se a terra é linda, mas se a terra é boa. Olha o que diz a Bíblia! «Trabalharás a quinta com o suor do teu rosto!» E não diz:

«Contemplarás a quinta com o enlevo da tua imaginação!» — Pudera! (Queiroz, 2014, p. 156)

Percebemos a crítica de Eça faz à superficialidade da burguesia urbana e a valorização da simplicidade e trabalho manual como formas de redenção. Ele ilustra a tensão entre contemplação estética e pragmatismo produtivo, temas recorrentes na obra do autor.

Partindo deste quadro de elementos — a degenerescência moral, o consumismo hedonista, a alienação social e a insensatez do fetiche do progresso —, convergimos para a ideia de que, tanto na modernidade burguesa quanto na hipermodernidade, subsiste uma crise de sentido que se manifesta na desvalorização do vínculo comunitário e na escassez de referências que reforcem a coexistência solidária. Essa desagregação é mais patente hoje, dado que a comunicação instantânea, longe de aproximar os sujeitos, muitas vezes acentua a distância emocional, criando espaços de convívio efêmeros e redundantes.

N’*Os Maias*, a família vê ruir a casa tal qual um microcosmos, onde cada personagem afasta-se dos laços de solidariedade e se refugia em caprichos individuais; no século XXI, essa ruína estende-se a comunidades inteiras que, desencantadas pela instabilidade política, pela precariedade laboral e pelo individualismo reinante, veem-se orbitando em bolhas informacionais, incapazes de construir narrativas coletivas coesas. Para Marc Augé (1992), a supermodernidade engendra “não-lugares” que neutralizam a memória, o enraizamento e a identidade coletiva.

Os salões de Eça, vazios de sentido ético, já antevêm esse tipo de espaço simbólico que, na contemporaneidade, se reproduz nas redes sociais, nos centros comerciais e nas zonas de trânsito da vida quotidiana. A alienação de que Eça faz bandeira encontra o seu duplo contemporâneo na sobrecarga de estímulos que impele o sujeito a escolher constantemente — entre ideologias, produtos, afiliações — sem possibilidade de um compromisso profundo e duradouro.

Esta dinâmica, em que a oferta de possibilidades supera a capacidade de reflexão, faz com que o indivíduo hipermoderno, tal como o burguês oitocentista, reste reduzido a um agente económico que, embora se julgue livre, permanece escravizado a desejos induzidos por discursos institucionais e mercadológicos. N’*Os Maias*, Eça de Queiroz explora a decadência social e a crise de identidade através da trajetória trágica da família Maia. Percebemos a construção da identidade no trecho a seguir que ilustra como o autor utiliza personagens para explorar temas universais como determinismo social, típicos da escrita do autor português:

Imediatamente Eça retomou a leitura: «Agora que voltei a mim reconheço, como sempre reconheci e proclamei, que é V. Ex.^a um carácter absolutamente nobre; e as outras pessoas, que nesse momento de embriaguez ousei salpicar de lama, são-me só merecedoras de veneração e louvor. Mais declaro que se por acaso tornasse a suceder soltar eu alguma palavra ofensiva para V. Ex.^a não lhe devia dar V. Ex.^a, ou àqueles que a escutassem, mais importância do que a que se dá

a uma involuntária baforada de álcool – pois que, por um hábito hereditário que reaparece frequentemente na minha família, me acho... (Queiroz, 2014, ano, p. 463)

Aqui, encontramos o personagem Ega a ler um texto em que Dâmaso retrata-se diante de Carlos da Maia de forma humilde e quase autodepreciativa, reconhece a sua própria falibilidade e a influência de “hábitos hereditários” sobre o seu comportamento. Esse momento é rico para análise crítica, pois reflete tanto características individuais quanto questões mais amplas relacionadas à moralidade, à educação e às convenções sociais.

Essa autocritica também pode ser vista como uma forma de autoindulgência. Ao atribuir os seus erros a uma condição hereditária inevitável, Dâmaso parece tentar minimizar a sua responsabilidade pessoal. Ele pede que as palavras ditas sob efeito de álcool sejam tratadas como algo involuntário, sem peso moral. Essa atitude levanta questões sobre até que ponto podemos perdoar alguém que busca justificar os seus deslizes com argumentos que escapam ao controle consciente. Outro aspeto interessante do trecho é o tom formal e exageradamente respeitoso com que Dâmaso dirige-se ao destinatário da sua declaração (“V. Ex.^ª”). Essa linguagem cerimoniosa reflete as convenções sociais da época, marcadas por um rigor excessivo nas relações interpessoais, especialmente entre indivíduos de classes superiores. O uso de expressões como “carácter absolutamente nobre” e “veneração e louvor” soa artificial e distante, sugerindo que o pedido de desculpas está mais preocupado em manter as aparências do que em promover uma reconciliação genuína.

Por fim, a relevância que oferece uma interpretação do realismo queirosiano com ênfase nas críticas à hipocrisia e à corrupção moral da sociedade burguesa, ao assinalar a função crítica do Realismo enquanto instrumento de denúncia das contradições sociais, reforça a necessidade de continuar a ler Eça de Queiroz como um autor que se impõe contra o mito do progresso inquestionável. Como mostra a passagem retirada de *Fradique Mendes*:

Ora Fradique Mendes pertencia evidentemente aos poetas novos que [...] buscavam [...] a notação fina e sóbria das graças e dos horrores da Vida, da Vida ambiente e costumada, tal como a podemos testemunhar ou pressentir nas ruas que todos trilhamos, nas moradas vizinhas das nossas, nos humildes destinos... (Queiroz, 2014, p. 3)

Na nossa ótica, o realismo queirosiano não se acomoda a perceber a sociedade como uma entidade homogênea; antes, perfura as suas camadas, escavando as fissuras que se ocultam sob a superfície polida dos salões e dos clubes. Norbert Elias (1939) analisa como o processo civilizador implicou uma regulação contínua das emoções e comportamentos, especialmente nas elites, a fim de garantir o controle social. Em Eça, esse verniz civilizacional é desnudado como espetáculo artificial, no qual a cortesia e a aparência substituem os valores substanciais da convivência ética. Este método, que conjuga descrições minuciosas com um olhar irônico e lúcido, estabelece o paralelo mais evidente entre a burguesia do século

XIX e a hipermodernidade atual: ambas se convencem de que estão a construir um futuro melhor, enquanto empurram para segundo plano as questões fundamentais do bem-comum, da solidariedade e da preservação ecológica.

Assim, ao revisitar Eça de Queiroz através das lentes da contemporaneidade, percebemos que a sua crítica à modernidade burguesa permanece um alerta que reverbera no presente: seja na superfície lustrosa dos salões do Chiado, seja na superficialidade das redes sociais, seja na lógica predatória do mercado globalizado, a exposição das contradições envenenadoras do tecido social mantêm-se completamente atual. É este o legado queirosiano, cujo espelho continua a refletir, de forma inequívoca, as pedras que se erguem na senda da modernidade e da hipermodernidade — um convite irrecusável a não fecharmos os olhos perante as descidas íngremes que ameaçam a coesão social, a integridade ecológica e a substância ética do nosso tempo.

2 A Hiperconexão e a alienação humana: Reflexão sobre a alienação n’*Os Maias* e a sua relação com a Hiperconectividade Digital

Ao mergulharmos nas páginas d’*Os Maias* somos confrontados com um universo profundamente marcado pela alienação das personagens em relação ao mundo que as rodeia, à história que as constitui e à realidade social e política do seu tempo. Esta alienação, longe de ser uma simples falta de consciência ou uma espécie de desatenção existencial, é o produto de uma sociedade estruturada em torno do simulacro da civilização e do progresso em que as relações humanas são mediadas por convenções, aparências e rituais vazios. Tal como o Chiado oitocentista encena uma Lisboa burguesa sofisticada, mas profundamente desconectada da realidade nacional e do sofrimento das classes subalternas, também hoje assistimos a uma encenação permanente de laços sociais nas redes digitais, em que a hiperconectividade coexiste paradoxalmente com formas agudas de solidão e desumanização.

O romance *Os Maias* é exemplar na forma como retrata personagens cujas vidas decorrem numa espécie de suspensão existencial. Carlos da Maia, a figura central da narrativa, representa este homem moderno — culto, refinado, cosmopolita — mas também profundamente desarticulado do mundo histórico e social em que vive, como podemos observar no trecho a seguir: “E aqui tens tu a vida, meu Ega! Neste quarto, durante noites, sofri a certeza de que tudo no mundo acabara para mim... [...] Por fim, dez anos passaram, e aqui estou outra vez...” (Queiroz, 2014, p.589). Temos aqui em evidência o sentimento de vazio e o ciclo de repetição sem transformação que caracteriza a alienação — o que pode ser comparado, logo em seguida, ao “loop” emocional das redes sociais: euforia, tédio, frustração, e retorno à mesma dinâmica digital.

Carlos Eduardo da Maia habita uma sociedade convertida num teatro da futilidade, entre saraus literários, partidas de caça e jantares em hotéis parisienses, num contínuo de experiências estéticas que, contudo, não o aproximam dos outros nem de si próprio. Como podemos perceber, a alienação de Carlos não se deve à ignorância, mas a uma forma sofisticada de evasão. Carlos emerge como o arquétipo do dândi oitocentista, um homem cuja existência orbita em torno de prazeres refinados e uma busca incessante pela estética da vida elegante. Entretanto, essa vida aparentemente invejável esconde uma profunda vacuidade existencial. A passagem a seguir ilustra como Carlos, ao rejeitar as convenções sociais de Lisboa e idealizar Paris como o epicentro de sua concepção de felicidade, revela não apenas o seu desencanto com o mundo que o cerca, mas também a sua incapacidade de encontrar significado genuíno em meio à superficialidade das experiências que cultivava:

Carlos considerou Ega com espanto. Para quê? Para arrastar os passos tristes desde o Grémio até à Casa Havaneza? Não! Paris era o único lugar da Terra congénere com o tipo definitivo em que ele se fixara: — «o homem rico que vive bem». Passeio a cavalo no Bois; almoço no Bignon; uma volta pelo boulevard; uma hora no club com os jornais; um bocado de florete na sala de armas; à noite a Comédie Française ou uma soirée; Trouville no Verão, alguns tiros às lebres no Inverno; e através do ano as mulheres, as corridas, certo interesse pela ciência, o bric-à-brac, e uma pouca de blague. Nada mais inofensivo, mais nulo, e mais agradável. (Queiroz, 2014, p. 590)

Eça de Queiroz oferece um retrato mordaz da alienação burguesa através da figura de Carlos da Maia. A monotonia ritualística de sua rotina parisiense — descrita com ironia como “nada mais inofensivo, mais nulo, e mais agradável” — expõe a futilidade de uma vida dedicada exclusivamente ao hedonismo e ao culto das aparências. Embora Carlos se veja como o epítome do “homem rico que vive bem”, a sua existência é marcada por uma desconexão profunda, tanto de si mesmo quanto da realidade social que o circunda. Sobre a sua alienação mesmo quando cercado de luxo e objetos de valor, temos:

Mas Carlos queria realmente saber se, no fundo, eram mais felizes esses que se dirigiam só pela razão, não se desviando nunca dela, torturando-se para se manter na sua linha inflexível, secos, hirtos, lógicos, sem emoção até ao fim...— Creio que não — disse o Ega. — Por fora, à vista, são desconsoladores. E por dentro, para eles mesmos, são talvez desconsolados. O que prova que neste lindo mundo ou tem de se ser insensato ou sensabor... (Queiroz, 2014, p. 591)

Carlos não busca transcendência nem propósito; as suas atividades são meramente ornamentais, destinadas a preencher o vazio de uma vida desprovida de autenticidade. Essa crítica subtil à superficialidade da elite moderna reflete o olhar perspicaz de Eça sobre os mecanismos de evasão emocional e intelectual que caracterizam a modernidade. Carlos vive rodeado de objetos, saberes e prazeres, mas nenhum deles proporciona-lhe um

sentido duradouro ou um verdadeiro enraizamento no real; ele é um nómada elegante da superficialidade. Como analisado por Erving Goffman:

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles [...] Num dos extremos, encontramos o ator que pode estar inteiramente compenetrado de seu próprio número. Pode estar sinceramente convencido de que a impressão de realidade que encena é a verdadeira realidade. (Goffman, 1985, p. 24)

A representação social é constituída por performances cuidadosamente encenadas, e, em muitos casos, o ator social torna-se ele próprio convencido da imagem que projeta. Tal diagnóstico é reconhecível em Carlos da Maia, cuja adesão ao papel burguês é tão internalizada quanto vazia, assim como nos sujeitos contemporâneos, que acreditam habitar plenamente os avatares digitais que constroem para si.

Esta forma de alienação, marcada pelo excesso e pela saturação de estímulos, encontra hoje uma impressionante analogia na hiperconectividade digital. As redes sociais, que prometem abolir distâncias, democratizar a comunicação e estreitar laços, têm-se revelado, paradoxalmente, instrumentos de fragmentação, de isolamento e de exaustão afetiva. A lógica que governa estas plataformas é, em grande medida, análoga àquela que Eça tão lucidamente denunciou: uma sociedade que se relaciona mais com a imagem do outro do que com o outro em si, em que os vínculos humanos são mediaticamente mediados, regidos por algoritmos de visibilidade e por métricas de prestígio tão voláteis quanto enganosas.

A figura de Carlos da Maia é marcada por uma dualidade constante entre o desejo de realização profissional e a sedução pelas convenções aristocráticas e o luxo. Apesar da sua formação médica e das ambições iniciais de construir uma carreira sólida, Carlos encontra-se preso em um ciclo de superficialidades e privilégios que minam as suas intenções mais sérias. A passagem a seguir ilustra esse momento de frustração e autocritica, revelando como as circunstâncias de sua vida o empurram inevitavelmente para o diletantismo, afastando-o da vocação original.

Carlos saía pouco de casa. Trabalhava no seu livro. Aquela revoada de clientela que lhe dera esperanças de uma carreira cheia, activa, tinha passado miseravelmente, sem se fixar; restavam-lhe três doentes no bairro; e sentia agora que as suas carruagens, os cavalos, o Ramalhete, os hábitos de luxo, o condenavam irremediavelmente ao diletantismo. (Queiroz, 2014, p. 157)

Neste trecho, Eça de Queiroz expõe com maestria a tensão entre ideal e realidade na trajetória de Carlos. O personagem, inicialmente movido por aspirações intelectuais e científicas, sucumbe aos apelos de uma vida de ostentação e conforto, que acabam por definir a sua existência. A ironia da situação reside no fato de que os mesmos símbolos de status que Carlos cultivava — as carruagens, os cavalos, o luxo do Ramalhete — tornam-se

os instrumentos da sua própria alienação. Ele não apenas falha em consolidar a sua carreira médica, mas também percebe, com certo desencanto, que esses elementos o distanciam ainda mais de qualquer propósito genuíno. Essa crítica ao diletantismo oitocentista reflete uma visão mais ampla e contemporânea sobre as elites digitais, cujas preocupações estéticas e materiais frequentemente esvaziam as suas vidas de significado e compromisso social.

Sobre esta questão, observa Turkle (2020, p.18) que “Nos acostumbramos a las conexiones baratas, que no requieren demasiada atención, ni demasiada profundidad. [...] Con cada mensaje de texto o tweet, reducimos nuestras expectativas sobre la otra persona, y también sobre nosotros mismos.” A hiperconectividade reduz as nossas expectativas sobre o outro e sobre nós mesmos, favorecendo vínculos rápidos e superficiais que se aproximam mais da simulação do que da presença real. Esse empobrecimento da experiência interpessoal atualiza, sob nova roupagem, a crítica de Eça aos vínculos sociais estetizados, como os do Chiado burguês.

Ao estabelecermos um diálogo entre Eça e a pós-modernidade, observamos que o sujeito queiroziano, embora ainda não disponha das tecnologias digitais, já antecipa uma subjetividade atomizada, marcada pela desconexão entre o eu e a comunidade, entre a linguagem e a ação, entre a experiência e o sentido. Esta desconexão, tão evidente em Carlos, que atravessa os salões lisboetas com um sorriso culto mas vazio, é hoje radicalizada pela hipercultura digital, na qual o sujeito se vê compelido a performar incessantemente — a exhibir-se, a reagir, a partilhar — sem que isso produza um verdadeiro encontro ou reconhecimento. Como no universo de *Os Maias*, a comunicação contemporânea tende a deslizar sobre uma superfície polida, em que os afetos são estetizados e as subjetividades se tornam produtos de consumo. Notamos isto na seguinte passagem: “Se Carlos aparecia no teatro, Dâmaso [...] vinha-se instalar na frisa, ao lado de Carlos, com a bochecha corada, camélia na casaca, exibindo os botões de punho [...]” (Queiroz, 2014, p.195). Eis aqui ilustrada a busca por validação social através da imagem, já presente no comportamento de Dâmaso, o que permite uma transição direta para uma reflexão contemporânea sobre o narcisismo digital e o valor simbólico da “presença” virtual.

É especialmente agudo quando relacionamos o processo de alienação burguês com a lógica do capitalismo informacional. Se a alienação oitocentista era marcada pelo excesso de formalismo e pelo esvaziamento da vida interior em função da etiqueta social, hoje ela manifesta-se por meio da tirania da atenção, da cultura da comparação permanente e da transformação da intimidade em espetáculo. Assim como Carlos da Maia se vê incapaz de viver plenamente o amor, a amizade ou a vocação médica — por estar sempre preso a um ideal estetizado e abstrato do que deveria ser a vida —, também o sujeito digital vê-se incapaz de experienciar o real sem a mediação do ecrã, do filtro ou do like. A tecnologia, que poderia ser instrumento de libertação, converte-se num novo dispositivo de alienação,

alimentando um narcisismo frágil e uma ansiedade permanente de pertença e validação. A análise de Christopher Lasch (1983, p. 75) diz que “A cultura contemporânea promove uma personalidade narcisista, centrada em exposições públicas, sedenta por aprovação, mas profundamente insegura. [...] A sensação de vazio é constante, camuflada por performances de autoconfiança e sucesso.” Esta visão sobre a cultura do narcisismo fornece um instrumento valioso para compreender a personagem de Carlos: sua vida, dominada por gestos públicos e refinamentos simbólicos, revela a mesma oscilação entre autoconfiança e vazio que Lasch observa nas subjetividades contemporâneas, saturadas de imagens de sucesso e carentes de substância emocional.

Esta dinâmica é ainda mais evidente se compararmos os modos de socialização descritos por Eça com os atuais. N’*Os Maias*, os encontros entre personagens são marcados por rituais e protocolos que escondem tanto como revelam. As conversas são, muitas vezes, variações sobre temas sociais banais, e o convívio é uma forma de manter aparências, de exercer prestígio ou de evitar o confronto com o vazio existencial. Percebemos neste comportamento uma antecipação das práticas de “sociabilidade performativa” que hoje se desenrolam nas redes sociais. O Facebook, o Instagram ou o TikTok transformaram o encontro humano num palco onde se representa uma vida idealizada, editada e interrompida por notificações, tal como os saraus dos Maias ocultavam a decadência familiar por detrás de um verniz aristocrático. O que permanece constante é o afastamento do real: ontem, pelos códigos de classe e de etiqueta; hoje, pela mediação digital e pela aceleração dos modos de vida. Esta mesma crítica aparece formulada, de forma ainda mais incisiva, na fala irónica de um dos personagens do círculo intelectual de Carlos: “No fim, este diletantismo é absurdo. Clamamos por aí, em cafés e nas redações, contra a corrupção e a imoralidade [...]” (Queiroz, 2014, p.431). Eça expõe aqui a esterilidade discursiva de uma elite intelectual encerrada no formalismo estético e na retórica moralista, incapaz de agir com eficácia ou transformar a realidade. Esta denúncia ressoa de modo inquietante na contemporaneidade, onde assistimos a uma proliferação de discursos indignados nas redes sociais, frequentemente dissociados de ações concretas. Tal como os “café-filósofos” lisboetas, também muitos sujeitos hipermodernos preferem a catarse da palavra à responsabilidade do ato.

Neste sentido, a hiperconectividade do presente não é, como se supõe frequentemente, uma vitória sobre o isolamento, mas antes uma nova forma de solidão coletiva, em que a quantidade de ligações virtuais coexiste com a rarefação de vínculos autênticos. Essa ideia é reforçada ao lembrar que Eça de Queiroz já denunciava, com mordacidade, a crença ingênua no progresso como solução universal. A técnica não salva o humano da sua miséria espiritual; ela pode, no máximo, amplificar os seus abismos.

Os Maias apresenta uma reflexão sobre os limites do progresso tecnológico e material. Este trecho ilustra como Jacinto percebe a falência da crença cega na tecnologia:

“carácter»; aos homens de letras – «menos eloquência e mais ideia»; aos cidadãos em geral – «menos progresso e mais moral». Isto entusiasmou o Ega! Justamente, aí estavam as verdadeiras feições da reforma espiritual que a revista devia pregar!” (Queiroz, 2014, p. 468) Temos a visão crítica de Eça sobre o progresso tecnológico e materialista, propondo uma reforma espiritual como alternativa ao excesso de materialismo. É uma crítica contundente às deficiências culturais, intelectuais e morais da sociedade portuguesa, vista através da perspectiva idealista e entusiasta de Ega. A fala sintetiza um diagnóstico das fragilidades que permeiam o ambiente cultural e social: a superficialidade dos homens de letras -os intelectuais - a falta de conteúdo substancial nas ideias defendidas e a priorização do progresso material em detrimento da ética.

Em outro trecho da obra, encontramos a mesma sátira à elite cultural da época, que valoriza a retórica vazia e a ostentação intelectual sem conteúdo substancial:

Gostava também do bric-à-brac; mas apanhava-se muita espiga, e as cadeiras antigas, por exemplo, não lhe pareciam cómodas para a gente se sentar. A leitura entretinha-o, e ninguém o pilhava sem livros à cabeceira da cama; ultimamente andava às voltas com Daudet, que lhe diziam ser muito chic, mas ele achava-o confuso. (Queiroz, 2014, p. 158)

Aqui, Eça critica a cultura superficial da elite, que consome arte e literatura como símbolos de status, sem engajamento verdadeiro. Isso ressoa na era digital, a cultura do consumo rápido e descartável, alimentada por algoritmos, muitas vezes substitui a reflexão crítica e a apreciação profunda.

Este traço de desresponsabilização ética, enraizado numa cultura que privilegia o prazer momentâneo e o rompimento de qualquer vínculo moral estável, manifesta-se de forma clara na cumplicidade entre Carlos e Ega: “Carlos achava deliciosa aquela naturalidade mefistofélica com que o Ega o induzia a quebrar uma infinidade de leis religiosas, morais, sociais, domésticas...” (Queiroz, 2014, p. 165). A naturalização da transgressão, aqui apresentada com requintes de charme e ironia, prefigura um modo de agir narcisista, onde a moral cede lugar à sedução do risco, do escândalo e do improvisado. A leitura desta passagem à luz da cultura digital permite identificar o modo como influenciadores e figuras públicas contemporâneas encarnam esta mesma lógica, promovendo estilos de vida baseados na rutura com normas, na glorificação da experiência individual e na ausência de responsabilização coletiva — o que acentua ainda mais a alienação das relações humanas no ambiente hiperconectado.

Ora, na era digital, os instrumentos de comunicação multiplicaram-se, mas os espaços de escuta e de alteridade reduziram-se. Tal como Carlos move-se entre os corredores do Ramalhete sem nunca compreender verdadeiramente a dor ou a solidão dos outros, também hoje os sujeitos circulam entre *timelines*, *stories* e *reels*, muitas vezes indiferentes às

experiências alheias, enclausurados numa bolha de autopromoção e entretenimento superficial. N’*Os Maias*, notamos esta questão no trecho: “Carlos mexeu-se no escuro da tipoia. Depois, lentamente, como cheio de cansaço: — Talvez vá amanhã... Ainda não disse nada, ainda não fiz nada...” (Queiroz, 2014, p. 546). Essa passagem mostra que Carlos representa o precursor do burnout existencial contemporâneo — alguém rodeado de estímulos, mas incapaz de transformar desejo em ação, o que dialoga com o “desempoderamento ativo” do sujeito digital.

O retrato de uma sociedade profundamente superficial na qual as interações são marcadas por convenções vazias e aparências. Outro trecho significativo que ilustra essa alienação é:

Este espectáculo indignava Afonso da Maia; e muitas vezes, na paz do serão, entre amigos, com o pequeno nos joelhos, exprimia a indignação da sua alma honesta. Já não exigia decerto, como em rapaz, uma Lisboa de Catões e de Múcios Cévolas. Já admitia mesmo o esforço de uma nobreza para manter o seu privilégio histórico; mas então queria uma nobreza inteligente e digna, como a aristocracia tory (que o seu amor pela Inglaterra lhe fazia idealizar), dando em tudo a direcção moral, formando os costumes e inspirando a literatura, vivendo com fausto e falando com gosto, exemplo de ideias altas e espelho de maneiras patricias... O que não tolerava era o mundo de Queluz, bestial e sórdido. (Queiroz, 2014, p. 18)

Afonso da Maia critica a decadência moral e intelectual da aristocracia portuguesa, cujas relações são baseadas em formalidades vazias e interesses egoístas. Essa descrição pode ser comparada à hiperconexão digital atual, em que as redes sociais frequentemente promovem interações superficiais e destituídas de autenticidade, priorizando *likes* e seguidores em vez de conexões genuínas.

A relação entre Maria Eduarda e Carlos da Maia, embora apaixonada, é marcada por um desconhecimento fundamental das suas identidades e culmina no trágico incesto inconsciente. Porque a fantasia aqui é o incesto inconsciente, não deliberado, possível nos termos objectivos de ambas as obras desde que alguém, homem ou mulher, por razões que aqui não vêm ao caso, deixe de querer saber da existência de determinado filho. A despersonalização das relações humanas n’*Os Maias* é evidente na falta de conhecimento mútuo entre os personagens. Na era da hiperconexão, essa despersonalização é amplificada pelas interações digitais em que as pessoas muitas vezes se relacionam sem nunca conhecerem verdadeiramente quem está do outro lado da tela.

O incesto n’*Os Maias* não é apenas um acontecimento dramático, mas também uma metáfora poderosa para a alienação humana. Carlos da Maia e Maria Eduarda, ao se apaixonarem sem saberem que são irmãos, representam indivíduos que vivem num estado de desconexão essencial: desconexão das suas origens, da sua identidade e, por extensão, de si mesmos. Essa desconexão reflete a alienação existencial típica da burguesia portuguesa

do século XIX, retratada por Eça como uma classe social que vive superficialmente, desconectada de valores autênticos e de uma compreensão profunda da realidade.

Na era digital contemporânea, essa alienação assume novas formas. A hiperconectividade tecnológica, embora promova conexões instantâneas, muitas vezes leva à desconexão emocional e à perda de identidade individual. Assim como Carlos e Maria vivem no escuro sobre as suas verdadeiras relações familiares, muitas pessoas hoje vivem desconectadas das suas próprias vidas, imersas em redes sociais e plataformas digitais que criam ilusões de proximidade enquanto amplificam o isolamento emocional.

Não é, pois, de surpreender que os diagnósticos de Eça sobre a alienação burguesa encontrem eco tão profundo na contemporaneidade. A crítica queirosiana, longe de se limitar ao seu tempo, aponta para um dilema ontológico: o modo como a modernidade — seja ela burguesa ou digital — tende a afastar o sujeito da sua humanidade plena, substituindo o contacto direto pela representação, o vínculo pelo contrato, a vida vivida pela vida encenada. Como podemos sintetizar, Eça de Queiroz escreve para um tempo em que os homens deixaram de se reconhecer uns aos outros nos rostos que têm diante de si; e escreve para um futuro — que é o nosso — em que os rostos já não são sequer visíveis, pois foram substituídos por avatares, por imagens planas, por sombras de si mesmos.

Assim, ao refletirmos sobre a alienação humana n’*Os Maias*, torna-se evidente que a crítica de Eça à Lisboa burguesa do século XIX é, simultaneamente, uma crítica a todas as formas de sociedade que, ao privilegiar a forma sobre a substância, a imagem sobre o encontro e o consumo sobre o sentido, condenam os seus sujeitos à solidão no meio da multidão. A hiperconectividade digital, nesse contexto, é apenas a face mais recente — e mais sofisticada — de um processo que já vinha sendo esboçado há séculos: a gradual substituição da experiência pelo simulacro, da relação pela projeção, do humano pelo algoritmo. Cabe-nos, assim, reler Eça não apenas como cronista do passado, mas como um intérprete visionário das angústias do presente e, talvez, como um dos poucos capazes de nos oferecer os instrumentos para pensar um futuro menos alienado, mais solidário e mais humano.

Considerações finais

A travessia empreendida por este estudo permitiu demonstrar que a obra de Eça de Queiroz ultrapassa o seu enquadramento oitocentista e converte-se numa chave hermenêutica insubstituível para pensar os impasses da hipermodernidade. Ao aliar ironia estilística a um agudo senso de diagnóstico sociocultural, Eça constrói um corpus literário que, longe de se esgotar na crítica à burguesia do seu tempo, antecipa patologias morais, estéticas e existenciais que se agudizaram no mundo contemporâneo. A alienação das personagens

queirosianas — enclausuradas em convenções, imagens e performances — é paralela à experiência fragmentária e estetizada do sujeito digital, que, imerso em redes, não raro se vê incapaz de viver vínculos autênticos ou de encontrar um sentido partilhado para a existência.

Neste quadro, a leitura de Eça emerge como prática de resistência: não apenas contra a banalização da experiência promovida pela lógica mercantil, mas também contra a naturalização da superficialidade, da desresponsabilização ética e da dissolução dos laços comunitários. A ficção queirosiana, com sua capacidade de denunciar a falência dos projetos civilizatórios baseados em fetiches de progresso e consumo, recoloca em pauta a urgência de um debate sobre o humano, sobre a autenticidade e sobre o sentido coletivo.

Mais do que espelhos que refletem, os textos de Eça funcionam como dispositivos que refratam — isto é, que desorganizam o olhar domesticado e convidam à desmontagem crítica dos discursos hegemônicos. No seu realismo mordaz, encontramos o prenúncio de um tempo que ainda se debate entre a promessa e o desencanto, entre o brilho das telas e o silêncio do vazio. Por isso, reler Eça é reencontrar, no exercício literário, uma forma de insubordinação simbólica diante da normatividade entorpecida do presente. É, em última instância, reaver a literatura como espaço de lucidez e de inquietação — e, quem sabe, como ensaio para uma outra forma de existência.

Referências

- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Lisboa: Relógio d'Água, 2014.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.
- LASH, Christopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperança e declínio*. Tradução de Ernani Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

QUEIROZ, Eça de. *A cidade e as serras*. Lisboa: Livros do Brasil, 2016.

QUEIROZ, Eça de. *A correspondência de Fradique Mendes*. Lisboa: INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2014.

QUEIROZ, Eça de. *A Relíquia*. Porto: Porto Editora, 2009.

QUEIROZ, Eça de. *Notas Contemporâneas*. Porto: Lello Editores, 1979.

QUEIROZ, Eça de. *Os Maias*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

TURKLE, Sherry. *En defensa de la conversación: el poder de la conversación en la era digital*. Traducción de Joan Eloi Roca. Barcelona: Átomo de los Libros, 2020.